



“Que Narciso é esse?”

(Henrique Figueiredo Carneiro – henrique@unifor.br)

Edição do Autor, 2007, 14 p. (DVD-book)

Autor da resenha

Thiago Costa Matos Carneiro da Cunha

Psicanalista. Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Membro da Associação de Psicanálise CLIO. Pesquisador membro do Laboratório sobre as Novas Formas de Inscrição do Objeto (LABIO).

End.: Rua Costa Barros, 940, apt. 21. Fortaleza, CE. CEP: 60160-280.

E-mail: thiago.costa.cunha@terra.com.br

Por uma Narcisidade – a função do mito na construção do homem moderno

O conceito de narcisismo já nasce na clínica psicanalítica diferenciado do seu significado individualista, utilizado naquela época. É o que explica Freud em **Sobre o Narcisismo – uma introdução**. Significado que passa a se distanciar do estudo das perversões e a se relacionar, intrinsecamente, com o processo de investimento libidinal, responsável pela constituição do eu do sujeito e, conseqüentemente, por sua individuação.

Atualmente, muito se fala sobre narcisismo (cultura narcisista), principalmente a partir da constatação do grande número de atos violentos direcionados ao outro, da busca desenfreada pela beleza através de cirurgias estéticas, do consumismo, da anorexia e bulimia, das adições.

Deste modo, torna-se plausível uma reflexão a respeito de tal adjetivação e da coerência de seu emprego: Seria essa a nomenclatura adequada ao se fazer referência aos novos sintomas encontrados em nossa modernidade?

O livro “Que Narciso é esse?”, parte de uma pergunta não menos pertinente sobre nossa era (narcisista?). Uma era invadida pelo discurso tecnocientífico, diga-se de passagem, que nos instiga à investigação dessa legitimidade e, por conseqüência, a um resgate do conceito de narcisismo. Deste modo, seu autor, o Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro nos convida a uma intrigante viagem realizada entre a constituição mítica do ser humano até a sua concepção propriamente dita em nossos tempos, ou seja, o nascimento do homem moderno.

Desta forma, podemos perceber que esse grandioso desafio não poderia ser empreendido de outra forma. Ao realizar a análise minuciosa do mito “Narciso” de Ovídio e do Auto Sacramental “O Divino Narciso”, de Sórora Juana Inés de La Cruz, e relacioná-los com a realidade social em que vivemos, sobretudo, no que podemos identificar dos atos de violência dirigidos ao outro e ao próprio sujeito – os transtornos alimentares, as adições e os excessos de tatuagens, *piercings*, adornos do corpo e, tomando a liberdade de incluí-lo, o suicídio –, Carneiro desenvolve um verdadeiro tratado sobre a construção da modernidade, juntamente com a influência do discurso tecnocientífico, e dos efeitos subjetivos que dela advém sob a forma das “novas doenças da alma”, como nos lembra o autor, ao citar Julia Kristeva.

Ainda de acordo com o mesmo, e seguindo a narrativa ovidiana, o desafio inicial de Narciso é tomar a si mesmo como objeto de amor, acreditando em sua perfeição. Desafio esse que não consegue dar conta devido ao seu encontro com Eco (ninfa de natureza angélica réproba, representante da linguagem), percebendo que existe uma falha, apresentada na relação com o outro. Movimento

de báscula, apontado por Lacan, para o reconhecimento do seu desejo. Do qual, podemos associá-lo ao processo realizado no estádio do espelho que originalmente parte do olhar do Outro, onde, aos poucos, se passa de uma referência imaginária (A) de **Eu Ideal** a uma referência simbólica (\mathcal{A}) de **Ideal do Eu**.



Narciso de Michelangelo Merisi da Caravaggio (1594-1596). Galleria Nazionale d'Arte Antica. Roma

A obra resgata que todo o trajeto de Narciso incide sobre o dado de que ele estava ferido de morte já na origem de seu nome (flor que adorna funerais). E morre, quando conhece a si mesmo – reconhecendo-se como sendo portador de um eu, com todo o peso do júbilo alienante que esta operação exhibe. A continuação dessa história, narrada por Ovidio, se encontra, – numa articulação preciosa realizada por Henrique – no Auto Sacramental “O Divino Narciso”. Onde Narciso, agora chamado de Divino Narciso, não morre, mas passa por uma morte simbólica, condenado a sempre ter que dar um sentido a sua vida. Pois, só o que lhe restava era a elaboração de um conhecimento sobre a impossibilidade de se alcançar a perfeição. É nesse momento que temos a construção do homem moderno, e onde o Divino Narciso se enamora da Natureza Humana – possuidora da qualidade inerente a Eco: a linguagem –, em sua busca de sentido. Enamoramento que traz uma similitude com outro personagem central na história do ocidente: Jesus Cristo. Nestes ensejos surpreendentes o autor demonstra toda a sua sabedoria. E já nos abre portas para pensarmos a importância da fé em todo esse movimento de busca de sentido.

Continuando a narrativa, o que aponta o autor é que o Divino Narciso não se casa com Eco por sua natureza réproba, mas com a Natureza Humana, que não é réproba em si, senão quando atravessada pela linguagem (Eco).

Aqui, se abre um parêntese, pois temos uma incongruência. Incongruência também presente na história da Paixão de Cristo, já que Cristo morre pelos homens, feitos à imagem e semelhança de Deus, ao mesmo tempo, pecadores e responsáveis por sua morte. Então, o que resta ao homem é elaborar um saber sobre esta **ambivalência afetiva** – mencionada por Freud, na origem da construção do social em **Totem e Tabu** – e tão importante para a ascensão do homem à subjetividade. Saber elaborado pelo Divino Narciso depois de escolher se casar com a natureza humana, mesmo sabendo de sua ligação indissolúvel com Eco.

Porém, retornando à realidade atual, como construir um saber sobre si, se tal ambivalência afetiva não se faz na era do discurso tecnocientífico? Nesse ponto, o autor encontra uma belíssima referência que evidencia essa falta. E nos demonstra a importância do mito para construção de um sentido para nossa vida. Em “O Idiota”, obra literária de Dostoiévski, a personagem principal olha para um magnífico quadro (Figura 2) que traz a figura de Cristo morto numa tumba. Pasmado pela perfeição da cena ali representada, mostra-se invadido por um súbito medo de que um fiel possa perder a sua fé ao olhá-lo, correndo o risco de não acreditar mais na divindade de Cristo.



Hans Holbein. O corpo de Cristo morto na tumba (1521)

O homem perdeu a fé, afirma o autor. A fé que moveria o sujeito a elaborar um saber sobre sua existência. A fé que o faria pensar sobre toda a referência simbólica que está presente na figura de Cristo, ao invés de pensar em apenas mais um corpo de um homem qualquer. Morto. Como temeu o “Idiota”.

Com os efeitos de um discurso que traz consigo a pretensão de dizer “tudo” – não levando em consideração a ambivalência,

as incongruências... a falta – sobre um objeto, caímos na referência do “nada”. Deste modo, os mitos também caem. E o eu fica sem a possibilidade de delimitação. Confusão imaginária. É como se, nessa construção do eu, não sobrasse nenhum resto. O sujeito passa a ser o todo e, por conseguinte, a ter dificuldades em seu processo de individuação, não existindo uma unidade.

Resto que o discurso tecnocientífico tenta excluir a todo custo da vida cotidiana, escondido sob o tapete do ideal de felicidade capitalista, trazendo a falsa promessa de perfeição em seus produtos de consumo, juntamente com os prejuízos à economia psíquica do sujeito, pois a realidade não comporta o perfeito, o todo, sendo apenas algo de uma representação mítica.

Assim, Narciso não conseguiria reconhecer-se na imagem refletida no lago, já que não possui uma referência simbólica organizadora, que poderia operar uma delimitação ou organização a ela. Como vemos na prodigiosa montagem trazida pelo autor, entre o Narciso de Caravaggio e a Boneca de Hans Bellmer, ao lado:

A aventura de Narciso, trazida pelo autor, é a tentativa de conciliar seus investimentos libidinais com os investimentos amorosos do Outro, responsáveis pela construção de sua imagem. Se não houver cortes, não teremos a separação do **Eu** em sua relação com o Outro. A referência simbólica é posta em xeque e a imagem se mostra retorcida pela falta de limites, que dão o seu contorno.

Fragilizado em sua referência simbólica, o sujeito tentará dar conta de sua falta, a partir de sua referência ao real do próprio corpo ou do corpo do outro, a fim de ter, pelo menos, a sensação desse limite. Traço sado-masoquista na



Montagem: Michelangelo Merisi da Caravaggio. *Narciso* (1594-1596). Galleria Nazionale d'Arte Antica, Roma / Hans Bellmer *LaPoupée*, 1935 Ubu Gallery.

constituição das patologias relacionadas às “novas doenças da alma”, que traduzem a lógica dos atos violentos direcionados ao outro e a si mesmo, presente em nossa época. Aqui se faz o grande desenvolvimento teórico do autor.

Com “Que Narciso é esse?”, podemos contemplar a imagem refletida de nossa sociedade capitalista, dos efeitos de um discurso que incide sobre a devastação dos laços sociais, nos autorizando a um gozo incomensurável. Imagem incoerente, já que não há escapatória de deixarmos de ver nossas imperfeições, como seres relativos que somos, deixando sempre um resto e o mal-estar por consequência.

Em sua função mítica, Narciso ainda vive, porém continua preso à sua imagem deformada no espelho, sem a capacidade de representá-la. Então, há de se reivindicar uma **narcisidade**, lembra o autor no final de sua obra, para que tal representação possa ser efetuada.

Finalmente, em “Que Narciso é esse?” fica explícito o convite a uma reflexão sobre os novos sintomas que comparecem aos consultórios e como devemos nos posicionar diante deles, como analistas. Assim, várias portas são abertas em benefício de uma escuta clínica atual e da aposta na emergência do sujeito como fator imprescindível à prática da psicanálise.

Notas

1. As figuras foram extraídas a partir das ilustrações exibidas na obra analisada.

Recebido em 7 de dezembro de 2008

Aceito em 3 de janeiro de 2008

Revisado em 15 de janeiro de 2008